

# A Arte de Engolir Palavras

*Lourdinha Leite Barbosa*

Começou ainda criança. A mãe, dedo em riste, ordenou:

— Engula!

Esperneou, fez careta, ficou atravessado na garganta. Assim a seco era difícil. Ainda mais pelo volume e aspereza.

Não demorou muito e estava novamente aos tabefes com o irmão: “Filho da Pu...” Lembrou da mãe e engoliu a última sílaba. Desta vez arranhou um pouco, mas desceu.

Saiu pra escola. Os amigos esperavam na porta: “Vamos nessa!”.

Já entraram discutindo: “É perna de pau, não dá nem pra começar! Melhor pedir arrego”. Marreta riscou o chão: “Essa é a mãe do Marco, quem tiver coragem pisa aí!”. Nem teve tempo de pensar na mãe, os palavrões irromperam de chofre: “Putsgrila! Arg! Pôôô!!! Chupou-os no ar. Alguns voltaram meio dissolvidos, outros completamente embaralhados. Surpreendeu-se. Estava ficando craque na arte de engolir palavras. O pior é que nem sempre voltavam na mesma ordem, às vezes retornavam em combinações inusitadas. Era um constante ir e vir.

Com o tempo foi-se aperfeiçoando. No trabalho, engolia pregos e parafusos para não dizer ao patrão o que pensava dele. Evitava discussões. Os companheiros estranhavam sua parcimônia com as palavras. Timidez? Medo? Talvez...de perder o emprego! Sentia-se empanturrado por não poder expelir todo o palavreado na cara do homem. Faça! Venda! Corra! Ouvia e engolia. A paciência foi DIMInuindo. Escancarou as comportas: PÓ!!! FOME! MISÉRIA! VIOLÊNCIA!!!

As palavras arrastaram-se no chão, subiram nas paredes, entraram nas gavetas, embrenharam-se nas frestas, devastaram tudo. A virulência foi tamanha, que deixou o patrão sem vintém e ele sem emprego. Arrependeu-se. Não pretendia tamanho mal. Saiu catando-as pelos móveis, tapetes, lixeiras. Encontrou algumas já deformadas, molengas e pegajosas; mesmo assim as engoliu. Foi a massa mole descer e ele cair inconsciente.

Acordou no hospital, pensando que estava no céu. Uns olhos ternos o fitavam e uma mão macia tomava-lhe o pulso: “Está muito fraco”. Com

esforço, conseguiu pedir: “Por favor, preciso urgentemente de palavras doces, suaves”. Ela pensou que fosse cantada: “O paciente tem senso de humor”.

As entranhas revolveram-se vertiginosamente e um bolo deslocou-se em direção à boca. Mal teve tempo de se sentar na cama, as letras saltaram e saltaram, ininterruptamente, enchendo baldes e mais baldes. A enfermeira segurava sua cabeça e sussurrava com carinho: “Mantenha a calma, depois disso você vai se sentir bem melhor”. Sentiu-se nas nuvens.

Convalescença. Tardes esquecidas. Conversas infindas. Os olhos ternos liam poemas que falavam da natureza, da divindade, do amor. Quando perceberam que ele estava mais resistente, passaram para uma prosa mais forte.

Dava-lhe prazer essa nova forma de expressão, ainda que, de vez em quando, tivesse que engolir um palavrão. Degustava as palavras com prazer. Elas desciam suavemente e voltavam em contextos nunca dantes experimentados.

Agora era a moça que gostava de ouvi-lo e ele, de ter as palavras à mão, examiná-las, sopesá-las, conhecer sua sonoridade e consistência. O tempo ensinou-lhe a manejá-las. Ainda que algumas, mais ariscas, não se deixassem dominar. Vez ou outra ele sofria um revés: por se sentirem muito desejadas, as palavras se esquivavam, fugiam. Ele, então, tentava encontrar uma substituta, mas nem sempre a encontrava e, muitas vezes, ficava o gosto amargo do indizível.